



MARIANI, Sérgio Luis Soares. Dorian Gray: um retrato do narcisismo sob a ótica de Alexander Lowen. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

DORIAN GRAY: UM RETRATO DO NARCISISMO SOB A ÓTICA DE ALEXANDER LOWEN

Sérgio Luis Soares Mariani

Resumo

Este artigo destaca os principais traços do caráter narcisista, presentes no romance *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde. Com espeque na obra *Narcisismo*, de Alexander Lowen, exalta algumas características do protagonista de Wilde que refletem, com admirável dose de verossimilhança, o distúrbio narcísico: a supervalorização da imagem em detrimento do *self*, a retenção da libido pelo ego, a ausência de sentimentos, a sensação de vazio e a obsessão por poder, entre outras. Promove, ainda, uma reflexão sobre a escrita em tom decadentista, contendo rasgos de ironia, sarcasmo e desencanto, que expressa não apenas um narcisismo “individual” como também - e talvez principalmente, um narcisismo “coletivo”.

Palavras-chave: Imagem narcísica; Narcisismo; Self

É de fato impressionante a verossimilhança empregada pelo escritor irlandês Oscar Wilde (1854-1900) na construção da obra *O retrato de Dorian Gray* (1891), sobretudo no que diz respeito à composição do seu protagonista. Uma análise predominantemente literária, por si só, já comprova essa complexidade ficcional que, mimeticamente, exprime determinada realidade do século XIX. No entanto, há que se reconhecer que a boa análise literária é sempre aquela que pede auxílio: à psicologia, à sociologia, à filosofia ou a qualquer outra área do conhecimento e da experiência humana. Pois a teoria literária não é, não pode ser auto-suficiente. No caso do romance *O retrato de Dorian Gray*, a psicologia exerce um papel fundamental, não apenas no sentido de aprofundar o estudo literário como também no de redimensioná-lo, estabelecendo novos alcances e finalidades.

O presente artigo objetiva uma breve análise psicológico-literária do romance de Wilde. Para tanto, lança mão, principalmente, de alguns conceitos apresentados por Alexander Lowen na obra *Narcisismo* (1983). Partindo disso, pretende destacar algumas características da personagem Dorian Gray que retratam com perfeição o dilema narcísico. Almeja, ainda, uma reflexão sobre o decadentismo, corrente literária do final do



MARIANI, Sérgio Luis Soares. Dorian Gray: um retrato do narcisismo sob a ótica de Alexander Lowen. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

século XIX marcada pelo jogo extremado entre luxo e deterioração, educação e satanismo, luz e sombra, enlevo e desencanto, e, por extensão, superego e id; marcada, enfim, pelas noções maniqueístas de Bem e de Mal. O decadentismo, por sua vez, conduz a uma questão inescapável: a consideração, ainda que em linhas gerais, de alguns aspectos da experiência burguesa no século XIX, quais sejam: a obsessão por aquisições materiais, a falta de ideais mais sublimes e a incompetência amorosa. Afinal, a atuação burguesa no século XIX consolidou uma espécie de *modus operandi*, padrões de comportamento em relação aos quais, em larga medida, somos todos herdeiros diretos: nós... A um único tempo, títeres e arquitetos deste século XXI.

Ao abordar preliminarmente a questão do narcisismo, Alexander Lowen enquadra o distúrbio narcísico em duas esferas: a individual e a coletiva. No entanto, não se deve incorrer no erro de imaginar tais esferas como níveis estanques ou mesmo distantes entre si. Ao contrário. A raiz da questão é única e pode ser tomada, neste primeiro momento, como a supervalorização da imagem em detrimento do *self*. Assim como o indivíduo narcisista investe a maior parte da sua energia na composição e manutenção de uma imagem, “desconsiderando” as demandas mais profundas do seu corpo e da sua essência, da mesma forma a sociedade (ou a cultura) constrói-se na base do desrespeito ao próprio ser humano e ao meio ambiente: “Quando a riqueza ocupa uma posição mais elevada que a sabedoria, quando a notoriedade é mais admirada que a dignidade, quando o êxito é mais importante que o respeito por si mesmo, a própria cultura sobrevaloriza a ‘imagem’ e deve ser considerada narcisista.” (LOWEN, 1983, p. 9). Pode-se afirmar, portanto, que o narcisismo cultural e o individual se retro alimentam.

Ao se tratar inicialmente do romance *O retrato de Dorian Gray*, divisa-se a seguinte história: Dorian Gray, fruto de uma união desafiadora entre um subalterno de cavalaria e uma aristocrata inglesa, torna-se órfão já na infância e é criado pelo avô tirânico, lorde Kelso. No final da adolescência, Dorian Gray se destaca na sociedade londrina como um belo jovem, herdeiro de uma grande fortuna. Em dado momento, inicia uma amizade com Basílio Hallward, um artista de renome que sinceramente se apaixona por sua beleza clássica e pureza anímica. Por intermédio de Basílio, Dorian Gray conhece lorde Henry Wotton, um malicioso e irônico diletante das artes que se propõe a lhe apresentar os encantos e corrupções do mundo. Imediatamente, Dorian Gray acha-se



MARIANI, Sérgio Luis Soares. Dorian Gray: um retrato do narcisismo sob a ótica de Alexander Lowen. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

atraído pela maneira com que o jovem lorde articula pensamentos e palavras – e mais: sente-se profundamente arrebatado pelo ideal de vida que lhe é exposto:

Sim, sr. Gray, os deuses foram generosos para com o senhor. Mas o que os deuses dão tomam logo em seguida. [...] Quando a sua juventude se desvanecer, a sua beleza irá embora com ela, e, então, descobrirá que nada ficou dos seus triunfos [...]. Aproveite a sua juventude enquanto a possui. [...] Procure sempre novas sensações. Que nada o amedronte... Um novo hedonismo – é disto que precisa o nosso século. [...] Juventude! Juventude! Não há absolutamente nada no mundo, senão a juventude! (WILDE, 1996, pp. 34-35)

Nesse mesmo dia, Basílio Hallward compõe uma tela de Dorian, precisamente nos instantes em que o adolescente, servindo-lhe de modelo, elabora as palavras que, minutos antes, haviam sido proferidas por lorde Henry Wotton. Com o tempo, Dorian Gray se afasta de Basílio e estreita o seu contato com Wotton. Conhece Sibyl Vane, uma jovem atriz por quem se afirma perdidamente apaixonado, mas, em seguida, rompe drasticamente com ela, motivado pela péssima atuação de Sibyl em uma peça de teatro. A atriz, assim, comete suicídio. A partir desse fato, o retrato pintado por Basílio passa a refletir a alma de Dorian Gray: uma *imagem* que se enfeia e degenera em compasso perfeito com a consecução dos atos sombrios por ele praticados. O corpo de Dorian Gray, em contrapartida, mantém-se jovem e belo. O protagonista do romance, entretanto, não experimenta paz ou felicidade com a “dádiva” alcançada. Ao contrário. No início, passa a agir como uma espécie de espectador de si mesmo: “Apaixonava-se cada vez mais pela sua própria beleza e cada vez mais se interessava pela degradação da própria alma.” (WILDE, 1996, p. 150). Mas a angústia – ou qualquer sentimento que a ela se assemelhe - não demora a aparecer:

[...] momentos esses que pensava na ruína da sua alma com uma piedade que era tanto mais dolorosa quanto se tratava de puro egoísmo. Contudo, aqueles momentos eram raros. Aquela curiosidade pela vida, que lorde Henry fora a primeira pessoa a despertar nele, [...] parecia aumentar depois que havia começado a satisfazê-la. Quanto mais sabia, mais desejava saber. (WILDE, 1996, p. 151)

Anos mais tarde, Dorian Gray mata Basílio Hallward. E a monstruosidade exibida pelo quadro se agrava. O belo e eterno jovem tenta, então, recuperar a própria alma, mas já é tarde. Ao destruir o seu retrato, morre fisicamente, transformando-se na figura horrenda antes exibida apenas pela tela.



MARIANI, Sérgio Luis Soares. Dorian Gray: um retrato do narcisismo sob a ótica de Alexander Lowen. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

Note-se, de início, a semelhança entre a história acima apresentada e o mito grego de Eco e Narciso. Resumidamente: Narciso era um belo jovem tespiano por quem a ninfa Eco se apaixonou. Eco fora privada da fala pela deusa Hera, podendo apenas repetir as últimas sílabas das palavras que ouvia. Incapaz de expressar o seu amor por Narciso, foi por ele rejeitada e morreu de desgosto. Os deuses, então, puniram Narciso, fazendo com ele se apaixonasse pela própria imagem. Um dia, quando se debruçava sobre as águas de uma fonte, Narciso viu a sua imagem refletida e por ela se enamorou profundamente. Incapaz de se afastar do seu reflexo, definiu às margens do lago.

Curiosamente, vários trechos da narrativa de *O retrato de Dorian Gray* fazem referência não apenas ao mito de Narciso como também à flor de mesmo nome: uma sugestão soprada no ouvido do leitor para que ele recorde o mito grego ao acompanhar a trajetória de Dorian Gray. Assim, é digno de destaque o fato de o retrato passar a refletir a alma de Dorian Gray imediatamente após ele ter rejeitado a jovem Sibyl Vane. É igualmente digno de nota o fato de a monstruosidade do retrato se agravar quando Dorian Gray mata Basílio Hallward. Pode-se interpretar, portanto, Sibyl e Basílio como representações do *self* de Dorian, preterido em favor da imagem, em favor da voz de lorde Henry Wotton.

O traço mais marcante do distúrbio narcísico é a ausência de sentimentos profundos, ocorrendo, pois, uma dissociação entre o ego e o *self* (LOWEN, 1983). O narcisista, a exemplo de Dorian Gray, costuma trocar o amor pela imagem, suas mais intensas sensações por fama e poder. E como Dorian Gray, o narcisista costuma agir como uma espécie de *espectador de si mesmo*, mas geralmente não se dá conta disso. Neste ponto, há que se considerar o personagem criado por Wilde um privilegiado: os narcisistas de carne e osso não possuem um retrato que lhes exiba paulatinamente a construção/degradação das suas almas. Sem contato com o próprio *self* - com as suas necessidades mais profundas e verdadeiras -, o indivíduo narcisista age com cega determinação quando o assunto é obtenção de sucesso, motivado mais pelo medo do fracasso do que pela recompensa que irá obter. Não tolera o mau êxito. Não suporta a sensação de perda, de tristeza ou qualquer ofensa a sua vaidade. Quando isso ocorre, geralmente se torna frio, arrogante, sádico e agressivo. (VOLPI, 2003)

Voltando-se ao romance de Wilde, faz-se importante lembrar que, pelo menos em duas ocasiões, Dorian Gray abre mão de uma experiência afetiva mais profunda em prol



MARIANI, Sérgio Luis Soares. Dorian Gray: um retrato do narcisismo sob a ótica de Alexander Lowen. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

da própria imagem: a primeira oportunidade se dá com Basílio Hallward; a segunda, com Sibyl Vane. A voz de lorde Henry Wotton – uma voz quase arquetípica, na qual reverbera parte do *zeitgeist* vitoriano – sempre prevalece. Tudo leva a crer que Dorian Gray, em alguma medida, teve pelo menos duas chances de escolha. Ainda assim, opta pela voz de Wotton.

Curiosamente, tudo aquilo que é positivamente valorado pelo discurso de Wotton (o culto à beleza e à juventude) reverte-se em dano para o protagonista ao longo da sua história. O leitor atento, assim, depara-se com o que se pode chamar de *denúncia acerca de uma inversão de valores*, levada a cabo pela narrativa. Note-se que as próprias palavras de lorde Henry se calcam em uma inversão de valores: “Costuma-se dizer que a Beleza é superficial. Pode ser que seja. Mas não tão superficial quanto o Pensamento” (WILDE, 1996, p. 34). No entanto, um dos grandes méritos do romance em exame é precisamente o de promover a condenação dos ideais propagados por Wotton, mediante a demonstração do triste destino alcançado pelo protagonista. Por meio de tal demonstração, traz a lume a virulência sub-reptícia contida no discurso do lorde. No nível individual, portanto, aquilo que se pode denominar *inversão de valores* se apresenta como a tirania do ego sobre o *self*, da imagem sobre a capacidade de amar ou sobre a capacidade de entrega. No nível coletivo, tal inversão pode ser exemplificada pela seguinte frase de lorde Henry Wotton, já transcrita acima: “procure sempre novas sensações”. Pois a *ideologia narcísica*, como toda e qualquer ideologia, mascara os seus reais objetivos: ao valorar positivamente a procura incessante por novas sensações, estimula a obtenção de não-sensações, supervalorizando a quantidade em detrimento da qualidade.

Outro traço do narcisismo que pode ser retirado do romance em foco é a retenção da libido pelo ego (LOWEN, 1983). Dorian Gray seduz mulheres para depois abandoná-las e induz rapazes que o admiram à corrupção. Mas por que faz isso? A resposta, talvez, possa ser encontrada no fato de que o narcisista busca em si mesmo um objeto amoroso. A libido, portanto, não se acha destinada ao outro. Lamentavelmente, como no mito de Narciso, o narcisista não se apaixona por si mesmo: apaixona-se pela própria imagem refletida no lago. Eis, aqui, um outro mascaramento, uma outra distorção de conceitos ou valores promovida pelo distúrbio narcísico: erroneamente, o narcisista é entendido (e se entende) como um indivíduo que possui um amor exacerbado por si mesmo. Mas o que



MARIANI, Sérgio Luis Soares. Dorian Gray: um retrato do narcisismo sob a ótica de Alexander Lowen. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

de fato ocorre é exatamente o oposto. O seu *self* está anulado ou adormecido. É o ego que detém o poder – e a libido encontra-se voltada para ele. Com isso, o narcisista acha-se incapaz de amar ou de se entregar – a si mesmo e ao outro. O indivíduo de caráter narcisista, conforme lembra Volpi (2003, p. 5), “Usa os genitais como arma contra o sexo oposto e o sexo como meio de vingança. Os homens são extremamente potentes quanto à ereção, mas impotentes quanto à potência orgástica”.

Convém lembrar, neste ponto, que a análise do distúrbio narcísico deve sempre se basear no grau de narcisismo inerente a cada pessoa. A rigor, somos todos narcisistas, sobretudo quando se consideram os padrões básicos de funcionamento da sociedade ocidental: a mídia, as razões de consumo e a precariedade afetiva generalizada. Convém, por fim, ressaltar que o narcisismo constitui uma defesa necessária em determinada fase do desenvolvimento individual, mas que acaba por se cristalizar e se perpetuar, moldando o caráter da pessoa narcisista de maneira indelével. Conforme ensina Lowen (1983, p. 76): “Não querer ou não sentir desejo é uma defesa contra possível dano ou mágoa”. Retornando-se ao romance em foco, percebe-se que Oscar Wilde sugere tal processo na composição da personalidade de Dorian Gray, ao lançar algumas luzes sobre a infância difícil da personagem e sobre a figura castradora do seu avô. A partir daí, constrói um protagonista assombrosamente verossímil, que reflete com perfeição isso que hoje se define como *narcisismo*. Ironicamente, tudo aquilo que faz de Dorian Gray um personagem verossímil – os traços de uma pessoa narcisista, retratados fidedignamente na ficção – transforma o narcisista de carne e osso em uma espécie de *personagem ficcional*: alguém desconectado do seu núcleo vital; das suas sensações e dos seus sentimentos mais profundos.

O romance *O retrato de Dorian Gray* é escrito em tom decadentista. O decadentismo constitui uma corrente literária (ou, como alguns afirmam, um movimento precursor do simbolismo) que se firmou na Europa a partir de 1880. O artista decadente tendia a sucumbir ao antivital por sentir exausta a sua força criadora. Os “decadentes”, assim, pregavam a anarquia, o satanismo, as perversões, a morbidez, o pessimismo, a histeria e o horror à realidade banal. Cultivavam neologismos e vocábulos raros. (MARIANI, 2001). No romance de Wilde, tal estética aparece principalmente na escolha dos ambientes (ora suntuosos, ora degradados), na fixação da beleza e da frivolidade e, ainda, nas discussões sobre a arte em geral. Esses temas são unificados por uma



MARIANI, Sérgio Luis Soares. Dorian Gray: um retrato do narcisismo sob a ótica de Alexander Lowen. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

linguagem igualmente atraída pelo belo, pelo mórbido, pelo exótico e pelo desencanto; uma linguagem que, em alguma medida, reflete o narcisismo da sociedade vitoriana, caracterizada fortemente pela preocupação exacerbada com a imagem e calcada no dogma da autoridade: autoridade do pai sobre o filho, do corpo político sobre as massas, do patrão sobre o empregado, da Igreja sobre a religião, do espírito sobre o corpo, da moral sobre a vida... (GAY, 1988). A isso, acresça-se a lembrança de que o avanço científico, a teoria da evolução e o anúncio da morte de Deus redimensionaram a condição humana: os golpes de Darwin e Nietzsche, de certa forma, criaram uma ferida narcísica no ego da comunidade novecentista. Nesse panorama, o decadentismo toma a beleza como uma espécie de contraponto das pressões sociais e daquilo que se pode entender como “banalidade do mundo”. A dolorosa percepção de que tudo é fugaz perpassa a narrativa de *O retrato de Dorian Gray*. Como tudo é passageiro, a vida é tomada como banalmente sórdida, e a beleza se transforma em possibilidade anestésica em face da crueza e do desencanto. Note-se, assim, a seguinte fala de lorde Henry, referindo-se a Dorian Gray: “[...] Não, você deve conservar o seu belo aspecto. Vivemos numa época que lê demais para ser sábia, e que pensa demais para ser bela. Não podemos prescindir de você.” (WILDE, 1996, p. 122).

Outro dado que se julga importante incorporar é a consideração, em linhas absurdamente gerais, do que foi a experiência burguesa no século XIX:

[...] Os Estados Unidos foram considerados a quintessência da sociedade burguesa, a encarnação, seja como ameaça ou como promessa, da cultura de classe média em direção à qual as sociedades européias pareciam estar sendo arrastadas. Stendhal, Dickens e inúmeros outros observaram que nos Estados Unidos **a voracidade burguesa por bens materiais, o desprezo por ideais mais sublimes, a incompetência amorosa** atingiram sua realização mais perfeita e como tal se exibiam de modo mais claro. (GAY, 1988, p. 14, grifos acrescentados).

Ora, a voracidade por bens materiais, o desprezo por ideais mais sublimes e a incompetência amorosa configuram características não apenas da burguesia do século XIX como também da sociedade capitalista dos séculos XX e XXI. E mais: compõem tristemente o retrato de um ser humano que perdeu contato com o seu eu-profundo.

Vivemos sob a égide da imagem. Cultuamos obsessivamente a forma do corpo sem nos preocupar com a sua essência, com as suas demandas que exprimem a nossa



MARIANI, Sérgio Luis Soares. Dorian Gray: um retrato do narcisismo sob a ótica de Alexander Lowen. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

verdade. Como Dorian Gray, tendemos a trocar o sentimento pelo poder, o medo pela ilusão de segurança, a entrega pelo controle, a energia pela ausência de desejo, o contato com o outro pela fixação num rebotalho de nós mesmos. Como os leitores dos romances decadentistas, consumimos páginas e mais páginas de notícias sobre a morte de uma bela princesa, esmagada entre os destroços de um luxuoso automóvel. Como eles, nos desencantamos com o mundo, no nosso caso, globalizado: nos desencantamos com as nossas próprias misérias e fragilidades, com o derretimento da calota polar, com a pobreza e a fome no Camboja ou com a beleza terrível de duas torres desabando em Nova York. Como eles, enfim, buscamos refúgio na fugacidade e na ilusão. Em cada um de nós reside um Basílio Hallward e uma Sibyl Vane. Cada um de nós sofre a influência e tem internalizada a voz de um lorde Henry Wotton. Cabe, portanto, a cada um de nós optar pelo retrato ou pela vida.

Referências

GAY, P. **A experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud**: A educação dos sentidos. São Paulo: Schwarcz, 1988.

LOWEN, A. **Narcisismo**. São Paulo: Cultrix, 1983.

MARIANI, S. L. S. **Análise dos romances O retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde, e A Confissão de Lúcio, de Mário de Sá-Carneiro**. Monografia – Programa de graduação em Letras-Português. Curitiba: UFPR, 2000.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

VOLPI, J. H. **Poder, Fama e Ferida Narcísica**: Uma compreensão caracterológico-energético do narcisista. Curitiba: Centro Reichiano, 2003. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: 25/01/2008.

WILDE, O. **O Retrato de Dorian Gray**. Nova Cultural, 1996.

Sérgio Luis Soares Mariani/PR - Bacharel em Direito, funcionário do Tribunal do Trabalho da 9ª Região, mestrando em Letras – Literatura, na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

E-mail: sergiomariani1@gmail.com